



Os Titãs em 1981, ano de sua criação, com sua formação original de oito integrantes



A capa original de 'Cabeça Dinossauro' trazia uma gravura de Leonardo da Vinci

“O ‘Cabeça’ foi a nossa virada. Até então, a gente estava tateando (...) A gente era uma coisa estranha, fora dos padrões. começamos moleques e tocávamos com bandas de punk, como Ira!, Inocentes. E a gente era mais pop”, diz Mello. Bellotto fala sobre uma certa in

BRANCO MELLO



Capa edição da edição comemorativa de 30 anos do álbum com outra gravura de Da Vinci e acrescida da versão demo das faixas

“Na capa do álbum, a gente não aparece, é um esboço do Leonardo da Vinci. Até o título do disco era desafiador. Conseguimos convencer a gravadora de que aquilo era algo que faltava no rock nacional”

TONY BELLOTTO

“Não dá para negar que a prisão do Tony e do Arnaldo, do ponto de vista extramusical, marcou a gente. Foi um período esquisito, tivemos shows cancelados. Acho que isso contribuiu para a postura mais agressiva”

SÉRGIO BRITTO

Tony e do Arnaldo, do ponto de vista extramusical, marcou a gente. Foi um período esquisito, tivemos shows cancelados. Acho que isso contribuiu para a postura mais agressiva”, afirma Britto.

Mas o trio ressalta que existia uma questão estética como forte motivação para mudanças. Britto lembra que em “Televisão” já existiam algumas faixas que apontavam para isso. “Massacre” é a mais óbvia,

mas tem também “Autonomia”. Reconhecem a vontade de todos em mostrar um lado mais agressivo, que os Titãs tinham no palco, mas não aparecia tanto nos dois primeiros discos.

Para Bellotto, houve também um amadurecimento junto ao mercado fonográfico. “No primeiro disco, a gente era uma banda meio psicodélica. Éramos fascinados pelos programas de auditório, uma curtição que a gente tinha. Mas ali talvez a gente não passasse a ideia certa para as pessoas sobre o que a banda estava propondo. A gente percebeu que o mercado pedia uma identidade.”

“A gente era uma coisa estranha, fora dos padrões. Nós começamos moleques e tocávamos com bandas de punk, como Ira!, Inocentes. E a gente era mais pop”, diz Mello. Bellotto fala sobre uma certa inadequação: “Quando a gente tocava nos programas populares da TV, para as pessoas ali a gente era uma banda punk. E quando tocávamos nos redutos punks, a gente virava uma banda brega.”

Segundo eles, o simples fato de ter oito integrantes já causava estranheza. “Até porque tínhamos cinco cantores! Era diferente. E a gente arriscou muito nesse disco. O pri-

meiro single foi ‘AAUU’, era uma música sem precedentes. Na capa do álbum, a gente não aparece, é um esboço do Leonardo da Vinci. Até o título do disco era desafiador. Conseguimos convencer a gravadora de que aquilo era algo que faltava no rock nacional.”

Após o lançamento de “AAUU”, o grupo foi ao programa do Chacrinha. A Legião Urbana tinha então um sucesso enorme nas rádios com “Tempo Perdido”, uma canção melódica. Então Renato Russo perguntou a Britto por que a escolhida tinha sido “AAUU”, já que ele enxergava no álbum canções bem mais acessíveis. “Eu falei para ele aquilo que a gente comentava entre nós: era para não deixar dúvida que dali para a frente seria diferente.”

Os três concordam que havia a vontade de criar um vocabulário próprio. “Com oito caras, era muita diversidade. A gente estava tomando consciência de que isso poderia ser prejudicial. Eram necessárias algumas balizas para que o trabalho rendesse mais”, analisa Britto. Segundo Bellotto, o sucesso de “Sonífera Ilha” deixou o grupo ligado a um rótulo de pop brega, mas ao mesmo tempo o show tinha músicas que eles definem como viscerais, citando “Massacre”.

“A gente foi percebendo que precisava ter uma unidade maior, falando de estilo musical mesmo”, conta Bellotto. “O ‘Cabeça’ foi a nossa virada. Até então, a gente estava tateando”, comenta Mello. Segundo Britto, foi no terceiro álbum que o grupo desenvolveu um vocabulário musical próprio, e usa como exemplo os vocais uníssonos e gritados.

“Éramos cinco cantores na banda, né? Quando você ouve essa massa vocal gritada, você passa a reconhecer os Titãs. No mainstream brasileiro não tinha outra banda assim. A coisa das letras enxutas, quase como um slogan, tudo isso marcou o nosso estilo.”

Na turnê de comemoração, o grupo deve começar o show com a íntegra de “Cabeça Dinossauro”, apresentando todas as músicas na ordem das faixas no disco. Depois, eles vão completar o setlist sem se importar em privilegiar apenas hits. A ideia é garimpar canções de outros discos que conversem com o repertório do álbum.

Além dos três, sobem ao palco o baterista Mario Fabre e o guitarrista Beto Lee, presenças habituais nas turnês, e o guitarrista Alexandre de Orio, que substituiu Bellotto em alguns shows neste ano, enquanto o titular se recuperava da cirurgia que fez parte de um tratamento contra um câncer. “Tem muitas guitarras no ‘Cabeça’, alguns solos brilhantes do Tony. Achamos que é bom ter mais uma guitarra no palco”, conta Britto.

A turnê estreia em São Paulo, no dia 28 de março, no Espaço Unimed. Depois, mais apresentações em Belo Horizonte (25/4), Rio de Janeiro (9/5) e Curitiba (18/7).

ironia uma instituição perene. Ela é uma espécie de crônica.”

O guitarrista acredita que o disco tem um outro lado que às vezes recebe pouca atenção. Para ele, a maior qualidade do disco, mais do que essa agressividade, é a força estética da música, o que não resultou em um disco datado. Mello concorda: “As letras continuam muito atuais, mas os arranjos também. Eles não têm os sons característicos dos anos 1980. É um disco cru, e musicalmente não envelheceu.”

Muita gente discute se “Cabeça Dinossauro” foi um disco conceitual, que teria sido planejado com uma proposta clara antes de a banda entrar no estúdio. “Quando chegava a hora de gravar um disco, cada um começava a mostrar as ideias aos outros”, recorda Bellotto. “A gente nunca pensou em fazer um disco do zero, começando por um conceito. No ‘Cabeça’, a gente logo percebeu que essa atitude agressiva estava aparecendo em várias músicas. Teve um momento que a gente sentiu que o núcleo era esse.”

Depois do disco “Televisão” (1984), a banda foi sacudida pela prisão de Bellotto e Arnaldo Antunes, detidos pela polícia com drogas. “Não dá para negar que a prisão do